

GERSON ROSÁRIO



O GUARDIÃO DAS LENDAS

ESPECIAL DE DIA DE LOS MUERTOS

© Gerson Rosário Edições

Capa e paginação: Gerson Rosário

1ª Edição: Especial de Día de Los Muertos, Outubro 2025

Depósito Legal: 526612/24

Registo IGAC: SIIGAC/2020/2777

Obra: 1646/2020

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

O GUARDIÃO DAS LENDAS

ESPECIAL DE DIA DE LOS MUERTOS

GERSON ROSÁRIO

FADE IN

01. EXTERIOR

CEMITÉRIO DA VILA - TARDE

O céu nublado fazia prever chuva ao final da tarde. As campas, empoeiradas, não eram mais de 30, algumas tortas, outras partidas a meio com os nomes quase apagados pelo tempo.

SUPERIMPOSED: 1782

A igreja, no cimo de uma pequena colina e de costas voltadas para os que já partiram, tem encostada uma torre alta em pedra, munida de um relógio no cimo e uma pequena janela logo acima.

Entre o cemitério e a torre, uma pequena casa de madeira olha pelo campo de lápides.

Os ALDEÕES aproximam-se com vários baldes e carros cheios de terra puxados por cavalos.

AO LONGO DE MESES, debaixo de chuva e de sol, toda a planície onde o cemitério está plantado é tapada.

Por fim, sobra apenas uma abertura para os túneis do agora subsolo onde o cemitério foi sepultado. O PADRE, junto dos mesmos aldeões que fizeram todo aquele trabalho, aproxima-se da entrada com uma cruz em mãos.

Na escuridão, dois olhos vermelhos olham para todos eles enquanto as suas expressões mostram o pavor que sentem da criatura que parece aproximar-se.

O Padre empunha o seu fiel terço enquanto dita as seguintes palavras:

PADRE

"São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate; sejais nossa defesa contra perfídia e as ciladas do diabo; que Deus exerça seu domínio sobre ele, nós vos pedimos suplicantes.

(MAIS)

PADRE (CONT.)

E vós, príncipe da milícia celeste, com
o poder divino, precipitai no inferno
a Satanás e aos outros espíritos
malignos, que vagueiam pelo mundo para
perder as almas.”

Com esta reza, a criatura afasta-se para o fundo da escuridão
com um ROSNAR que vibra o chão e arre pia os cabelos da nuca
de todos os que assistem.

Fecham a entrada com terra, tábuas e pedras.

O GUARDIÃO DAS LENDAS

- ESPECIAL DE DIA DE LOS MUERTOS -

OLHOS DOURADOS



02. EXTERIOR

TERRENO DA IGREJA - NOITE

SUPERIMPOSED: Outubro de 1782

DINIS (22), um homem jovem, é arrastado por vários aldeões, armados com forquilhas e tochas, para o mesmo local onde o cemitério foi enterrado.

Os seus gritos de socorro ecoam por todo o vale. Logo atrás, quatro aldeões puxam um atrelado com uma guilhotina.

DINIS

Por favor! Deixem-me ir! Eu não fiz nada! SOCORRO!

Os seus SEIS IRMÃOS, crianças pequenas, seguem-nos, abraçadas umas às outras e a puxar um cavalo. Choram enquanto veem o irmão mais velho prestes a ser condenado.

CHEFE DA ALDEIA

Pelos poderes que me foram investidos, declaro-te culpado de feitiçaria!

DINIS

Mas eu só o curei da sua doença!

A voz de Dinis entrelaça-se com a voz do homem que profere a sua sentença.

CHEFE DA ALDEIA

Com bruxedo! A minha voz é soberana!

DINIS

Eu só o salvei! Por minha causa, poderá viver mais alguns anos!

CHEFE DA ALDEIA

A tua sentença é morte pela guilhotina!

Ao olhar para trás e ver a guilhotina, Dinis entra em pânico. Os seus irmãos tentam aproximar-se, mas têm o seu caminho bloqueado rapidamente por outros aldeões.

Gritos e choro cobrem todo o espaço onde apenas mais se ouvem as rodas enferrujadas do atrelado que é parado alguns

metros em frente à casa de madeira.

Ainda a meio dos gritos, a cabeça de Dinis é colocada abaixo da lâmina.

Das suas vestes, um pequeno relicário sobressai e fica pendurado ao seu pescoço.

O relicário é oval, brilhante, dourado, com flores gravadas em baixo-relevo e uma pequena moldura em volta da tampa.

DINIS

Por favor, eu peço, não me matem!

Dinis consegue olhar para os seus irmãos, a alguns metros, agarrados pelos aldeões.

DINIS (CONT.)

Por favor...

Tudo fica em silêncio. Apenas se ouve a lâmina DESLIZAR à medida que se dirige ao pescoço de Dinis e um BATE final ao chegar à madeira abaixo.

Embora a lâmina separe a cabeça do resto do corpo, Dinis ainda consegue ver os seus irmãos caírem de joelhos no chão, em prantos, e o cavalo RELINCHA enquanto galopa em direção ao instrumento de morte.

Enquanto isso, a sua cabeça rebola pelo chão até alguns metros de distância e cai num buraco escuro.

O cavalo levanta as duas pernas frontais e antes mesmo de as baixar novamente, várias forquilhas entram na sua carne, no peito, e roubam-lhe a vida.

Os seis irmãos são afastados ao mesmo tempo que um dos aldeões se aproxima do buraco para onde caiu a cabeça de Dinis. Rapidamente desiste de a recuperar ao ver dois olhos dourados e ouvir um ROSNAR a ecoar.

O silêncio preenche o local, com exceção do choro soluçado das crianças, que estão em choque com a chacina que presenciaram.

Em silêncio, os aldeões movimentam-se para colocar palha e folhas secas debaixo da guilhotina. Puxam o cavalo para mais próximo e, por fim, iluminam a noite ao aproximar as tochas das folhas.

Um a um, todos se afastam e voltam para a aldeia enquanto o fogo arde. As crianças, sozinhas, aproximam-se dos corpos em chamas.

O choro intensifica-se enquanto as suas faces são banhadas por lágrimas e o ar é inundado pelos seus gritos de dor profunda.

Quando, finalmente, tudo se torna cinzas, os pequenos aproximam-se e escavam um pequeno buraco no chão onde plantam uma pequena semente.

Depois, um pouco mais calmos, afastam-se, lentamente.

O tempo passa depressa. O sol nasce, a lua aparece... E, após alguns dias, já uma grande árvore podia ser encontrada ali; embora com a aparência de centenas de anos.

03. EXTERIOR

TERRENO DA IGREJA - CONTÍNUO

Uma tarde, os aldeões voltam, agora com machados afiados. As mulheres ficam mais afastadas, com as suas crianças em volta das saias, como se isso as fosse proteger.

Tentam mandar a árvore abaixo com várias machadadas certeiras no caule, mas nenhum corte pode ser visto.

Ao olharem para as suas mulheres e crianças, várias são as que apresentam as suas roupas manchadas de sangue que provém de feridas finas, como se tivessem sido cortadas por algo muito afiado.

Uma nova machadada é seguida de um grito agoniante de uma criança que, ao levantar a sua camisola, revela um corte entre o umbigo e a caixa torácica.

Como nenhum golpe sequer arranhou a árvore, todos se afastam, amedrontados. Uma mulher arranca o machado da mão de um dos homens e golpeia a árvore apenas para sentir um

corte nas suas próprias costas que lhe abre o vestido.

Todos correm, apavorados e atropelam-se numa tentativa de fugir o mais depressa possível.

As luzes da aldeia apagam-se uma a uma ao fundo até restar apenas escuridão.

Com a lua cheia a iluminar todo o campo, os seis irmãos de Dinis aproximam-se da árvore. Esfomeados e fragilizados, com roupas cada vez mais desgastadas, aninham-se numa das suas cavidades antes de adormecerem, tranquilos.

As raízes da árvore cobrem a abertura, cobrindo-os e levando-os para os braços do irmão.

INÍCIO DE MONTAGEM

Em volta da árvore é construída uma rotunda;

O chão é alcatroado;

Sobem os passeios e as árvores;

Criam-se os jardins das casas;

E as moradias são erguidas...

04. EXTERIOR

URBANIZAÇÃO - MANHÃ

... criando assim a Urbanização Raízes.

O sol brilha por entre os ramos quase despidos das árvores com pequenos raios de sol que deixam tudo mais alegre.

A longa rua, com moradias em cada lado da estrada, todas construídas ao gosto de cada um, termina numa rotunda. Agora, nesta altura do ano, quase todas estão decoradas com abóboras, esqueletos ou outros elementos alusivos ao Halloween.

No centro da rotunda está a grande oliveira centenária e, a seguir, encontra-se a antiga casa de madeira e a grande torre de pedra com o relógio e uma janela no topo.

Em volta, uma vegetação densa que não nos deixa ver para lá da torre.

A antiga oliveira mantém as suas várias aberturas em toda a volta e ainda aquela que fechou onde guardou os irmãos de Dinis.

Vários MORADORES caminham com caixas de decorações de Halloween em mãos.

ANTÓNIO (38) e TERESA (35) comandam toda a organização e direcionam toda a gente para o que têm de fazer.

PAULA (65), AMÉLIA (60), MARIA (62) e o seu marido AGOSTINHO (64) são os mais velhos da urbanização e, por isso, estão sentados debaixo de uma sombrinha grande a abrir caixas e a coser alguns disfarces.

SÓNIA (28) e ÉLIO (30) trazem o seu filho DUARTE (8) para passear e interagir com os mais velhos. Passam por LUÍSA (16) e cumprimentam-na. Duarte sorri-lhe, muito feliz por a ver.

FÁBIO (16) e MARCO (16) são muito amigos, assim como os seus pais, SANDRA (35), ALFONSO (39), JORGE (38) e CÁTIA (35). Todos se dão bem e ajudam-se uns aos outros a pendurar os enfeites nos postes e nas árvores.

ARMANDO (40) e JÉSSICA (40) trazem várias caixas de doces que ela confeccionou em casa.

VASCO (40) e CLÁUDIA (38) chegam de carro e param em frente à sua casa, a número 11. SARA (18) corre ao carro vinda de casa, acompanhada pelas suas amigas VANESSA (17) e CAROLINA (17).

Percebe-se naturalmente que Sara não tem interesse em ajudar a preparar a festa, só quer saber das fantasias que os seus pais compraram para ela experimentar e decidir qual vai usar. Após apanhar as fantasias, corre de volta para casa com as amigas.

VÍTOR (35) e o seu filho, TIAGO (17), saem da casa 12. Despedem-se antes de Vítor entrar no carro. Tiago caminha direto a Luísa, sorridente.

Vítor vai embora e passa pelo muro à entrada da urbanização onde está escrito "Raízes" em relevo e, num poster ao lado, o anúncio da festa de Halloween chamada de "Lo Día de los Muertos 2009", que acontecerá do dia 31 de outubro até à meia noite, ali naquele mesmo local.

Chegam dois food trucks que, com cuidado, estacionam no final da urbanização, no passeio em frente à antiga casa de madeira, de forma a não atrapalhar o trânsito.

Luísa pendura uns morcegos de cartão numa árvore próxima da rotunda quando Tiago chega até ela.

TIAGO

Olá, Luísa.

Luísa sorri ao vê-lo e cumprimenta-o animada com dois beijos e um abraço.

LUÍSA

Tiago! Estava a ver que não vinhas ajudar-me.

TIAGO

Eu prometi que vinha, só demorei um pouco.

Olha em volta.

TIAGO (CONT.)

Parece que já fizeste quase tudo.

LUÍSA

(Ri)

Era bom, não era? Vai ali aos velhotes, eles dão-te alguma coisa para fazer.

Tiago olha para o senhor Agostinho a abrir caixas com uma faca e sem muito cuidado.

TIAGO

Acho melhor não demorar antes que aquele homem esfaqueie alguém. Volto já.

Enquanto Tiago se afasta, DALILA (38) sai de casa (a número 02) - e aproxima-se de Luísa.

DALILA

Filha, eu sei que era para te ajudar,
mas eu tenho de ir ao escritório.

LUÍSA

De novo, mãe?

DALILA

De novo? É sexta-feira e não estou de
férias. Não posso simplesmente deixar o
meu trabalho de lado.

Luísa está chateada, mas compreende o que a mãe lhe quer
dizer.

LUÍSA

Está bem. Bom trabalho. Vemo-nos mais
logo?

DALILA

Claro que sim.

Beija a cabeça de Luísa.

DALILA (CONT.)

Tem cuidado e não te magoes a fazer
isso, está bem? Tchau.

Dalila afasta-se enquanto Luísa a olha, triste. Tiago volta
e interrompe-lhe os pensamentos.

TIAGO

Disseram-me para te vir ajudar com o
que falta antes de começar mais alguma
coisa.

LUÍSA

Boa. Toma.

(Entrega um morcego)

Consegues pendurar isso mais alto?

TIAGO

Talvez com uma escada.

Luísa rapidamente vira uma caixa de plástico e fica em silêncio, à espera que ele perceba. Tiago ri.

TIAGO (CONT.)

Já tinhas tudo pensado, não é?

LUÍSA

(Ri)

Claro.

Ao fundo, enquanto alguns ainda continuam a montagem, outros aproximam-se dos food trucks, curiosos, mas também esfomeados. Luísa também fica interessada.

LUÍSA (CONT.)

De certeza que deve ser cedo demais para isso, mas acho que vou comprar alguma coisa para comer. Vens comigo?

TIAGO

Boa ideia.

05. EXTERIOR

ROTUNDA DA URBANIZAÇÃO - MANHÃ

Enquanto estão na fila, rodeados pelos outros moradores, Luísa concentra-se em ler o menu enquanto Tiago fala.

TIAGO

Estive a ler a revista de que me falaste.

LUÍSA

A "Terror Urbano"?

TIAGO

Sim. Achei lá uma lenda interessante.

Luísa vira a sua atenção para Tiago, já tendo escolhido o que vai pedir.

LUÍSA

Qual foi? Estás a falar do novo número da revista?

TIAGO

Sim, é da última que saiu. Eles deram o nome de "Bater à Porta".

Luísa mostra-se um pouco perdida, pois não se lembra de ter lido essa lenda.

TIAGO (CONT.)

É uma lenda sobre um espírito que fica condenado a bater à porta, preso num loop infinito. Ele quer pedir ajuda, mas ninguém o pode ver.

Pensativa, Luísa mostra-se triste.

LUÍSA

Já imaginaste? Se acabamos presos numa coisa assim depois de morrer? O triste que isso é...

Chega a vez deles e são atendidos por JOSÉ (28), um homem bonito e com um corpo treinado que deixa Luísa um pouco atrapalhada.

JOSÉ

Boa tarde, meninos. O que vão querer?

TIAGO

Olá.

Tiago espera que Luísa peça primeiro, mas ela está embasbacada com José. Tiago ri, disfarçadamente.

TIAGO (CONT.)

Eu vou querer um hambúrguer com queijo.

JOSÉ

E a menina?

Tiago dá-lhe um toque com o cotovelo e Luísa "acorda".

LUÍSA

Um menu do hambúrguer com batatas.

José sorri, afinal, gosta de causar aquele comportamento nas mulheres.

JOSÉ
Mais alguma coisa?

TIAGO
Também vou querer batatas.

JOSÉ
Muito bem. Sai já.

José afasta-se e Tiago ri-se de Luísa.

TIAGO
Não queres deixar ainda mais claro?

LUÍSA
Cala-te... Já basta a vergonha que já passei.

TIAGO
Quer dizer que o Rúben realmente ficou para trás?

Luísa faz uma careta de nojo ao ouvir aquele nome.

LUÍSA
Podes crer que sim. Gajo mais estúpido.

José volta com os pedidos dos dois.

JOSÉ
Aqui estão os vossos pedidos.

A voz de Luísa muda completamente; responde-lhe com calma e tranquila.

LUÍSA
Muito obrigada.

TIAGO
Obrigado.

Luísa afasta-se enquanto Tiago paga e, depois, apressa-se a acompanhá-la até um banco no passeio onde se sentam para almoçar.

Fábio e Marco também estão na fila, um pouco atrás.

LUÍSA

Só faço figuras.

Tiago olha para José, que está a olhar para Luísa de canto de olho e a sorrir.

TIAGO

Não sabia que gostavas de homens mais velhos. Ainda por cima tu tens 16 anos e ele deve ter o quê? Com aquela cara dava-lhe uns 30.

LUÍSA

Olha, eu só o achei interessante, não me vou meter com ele.

TIAGO

Deve ser pedófilo.

Luísa até para de comer repentinamente. Acaba por rir à gargalhada.

LUÍSA

Já imaginaste se for mesmo? Medo dessa gente.

Marco e Fábio aproximam-se, também com os seus hambúrgueres.

MARCO

Olá, pessoal.

FÁBIO

Olá. Podemos juntar-nos?

TIAGO

Claro que sim.

Tiago e Luísa afasta-se para uma ponta do banco, deixando espaço para se sentarem juntos.

LUÍSA

Quais são as vossas tarefas?

FÁBIO

Eu estou a ajudar na zona norte e ele ficou na zona este.

MARCO

Felizmente, já não falta muito para acabar. Vai ficar tudo pronto bem antes da festa.

TIAGO

Sim, isso vai. Começámos bué cedo. Só fica a faltar o palco, mas isso é amanhã cedo.

MARCO

Sim, e é uma empresa contratada. Já imaginaram as pessoas da urbanização a montar um palco?

O telemóvel de Luísa TOCA e ela rapidamente atende.

LUÍSA

Sim?

(Pausa)

Está bem, vou a caminho.

TIAGO

Onde é que vais?

LUÍSA

A Teresa chamou-me, precisa de ajuda com alguma coisa em casa.

TIAGO

Eu vou contigo.

LUÍSA

Não, fica aí com eles. Ainda não acabaste de comer.

TIAGO

Nem tu. Vamos.

Tiago avança em direção a casa de Teresa (a número 8) e Luísa segue-o, apressada.

LUÍSA

Até já, meninos.

FÁBIO

Até já!

Marco aguarda até que Luísa e Tiago estejam longe.

MARCO

O que vais fazer depois disto?

FÁBIO

Acho que vou ficar por casa a ouvir música.

MARCO

O que é que andas a ouvir agora?

FÁBIO

The Rasmus. É bué fixe aquela banda.

MARCO

Não conheço. É banda de quê?

FÁBIO

De rock. Se quiseres podes vir comigo e ouvimos juntos.

MARCO

Fixe.

Marco mostra-se muito contente com o convite.

06. EXTERIOR

CASA DE DALILA / SALA - FIM DE TARDE

Luísa entra, estafada. Deixa-se cair no sofá ao mesmo tempo que Dalila vem da cozinha.

DALILA

Terminaram tudo?

LUÍSA

Sim.

DALILA

Boa.

(MAIS)

DALILA (CONT.)

Vai tomar um banho e vai-te deitar
a ver se descansas. Amanhã tens de
acordar cedo outra vez.

LUÍSA

Boa ideia.

Dalila volta para a cozinha enquanto Luísa se levanta, a
custo, e a acompanhamos...

07. INTERIOR

CASA DE DALILA / HALL - CONTÍNUO

... pelo hall de entrada, ...

08. INTERIOR

CASA DE DALILA / CORREDOR 1º ANDAR - CONTÍNUO

... pelas escadas para o andar de cima e pelo corredor até ao
seu quarto...

09. INTERIOR

CASA DE DALILA / QUARTO DE LUÍSA - CONTÍNUO

... que fica virado para as traseiras da casa.

Percebe-se que o quarto é bem cuidado, arrumado e sem pó.
Tudo está no seu devido lugar, afinal, é o canto dela e onde
ela mais gosta de estar.

As paredes, numa cor de rosa bem claro, são acompanhadas por
toda a decoração que se mantém no mesmo tom e se mistura com
bege e branco.

Abre um pouco a janela para que entre uma brisa. Depois
dirige-se à cómoda de onde tira uma muda de roupa antes de
dirigir-se para a sua casa de banho privada por uma porta
num canto.

Após fechar a porta, ouvimos a ÁGUA correr. Alguns segundos
depois, um gato de olhos dourados entra pela janela. Olha em

volta, curioso, antes de chegar à cama e se sentar.

Luísa volta ainda sem ter tomado banho, de toalha a tapar o corpo e o cabelo atado, seco. Depara-se com o gato, que se assanha.

LUÍSA

Como é que entraste aqui? Sai!

Enxota o gato, que foge pela janela e desaparece na noite.

10. EXTERIOR

CASA DE DALILA - CONTÍNUO

Aproxima-se da janela e olha para baixo à procura do gato. Abaixo da sua janela tem uma trepadeira que sobe por uma armação em madeira, por onde ele terá subido e descido.

Fecha a janela e baixa a persiana.

Ao nos afastarmos da casa, a imagem revela que o gato está no telhado. Os seus olhos sobressaem da sua silhueta.

11. EXTREIRIOR

URBANIZAÇÃO / EM FRENTE À CASA DE TIAGO - MANHÃ

Luísa sai de casa e aproxima-se rapidamente de Tiago, que a espera do outro lado da rua, encostado ao muro de sua casa onde se lê "Vivenda Costa".

Ao fundo, na rotunda, a empresa contratada já está a realizar a montagem do palco.

LUÍSA

Bom dia. Dormiste bem?

TIAGO

Nem por isso. Passei a noite em claro.
O meu pai não veio dormir em casa e só se ouviam barulhos por todo o lado.

LUÍSA

Barulhos?

TIAGO

Correntes, sussurros, gritos e arrastos.
Não sei se é imaginação minha, mas foi
uma noite horrível...

Vítor chega no seu carro, acompanhado de SÉRGIO (45).
Estaciona perto do portão de casa e dirigem-se os dois para
dentro de casa.

VÍTOR

Bom dia, meninos. Tudo bem?

TIAGO

Sim, pai. Bom dia, Sérgio.

SÉRGIO

Bom dia, Tiago.

Luísa fica um pouco confusa pela forma como se comportaram,
mas não dá muita importância, concentrada na festa.

LUÍSA

Vamos?

TIAGO

Sim, temos de ir ter com a Teresa a ver
se falta fazer alguma coisa ou se já
podemos começar a preparar-nos para o
curso. Vais participar, não vais?

LUÍSA

Claro que sim!

Começam a caminhar em direção à casa de Teresa.

12. EXTERIOR

CASA DE TERESA / LOGRADOURO - MANHÃ

Luísa e Tiago aproximam-se de Teresa, que está acompanhada
por António a saírem de casa. Próximo da porta de entrada
está sentado um esqueleto vestido com a roupa do Ghostface.

TERESA

Olá, meninos. Está tudo bem?

TIAGO

Bom dia. Sim, está tudo bem. Viemos só ver se ainda precisam de nós hoje.

TERESA

Não, não. Deixem-se estar. Preparem-se para o concurso, está bem?

(Aponta para António)

Eu vou preparar o nosso apresentador.

Luísa sorri, acha piada que António tenha sido obrigado a fazer de apresentador.

LUÍSA

Boa, vai-se safar muito bem, Sr. António.

ANTÓNIO

(Nervoso)

Vamos ver o que sai daqui.

Reparam na caixa que ele tem em mãos.

TIAGO

Que caixa é essa?

ANTÓNIO

Isto?

Abre a caixa e mostra vários pins com números.

ANTÓNIO (CONT.)

São os números para o concurso. Cada pessoa que quiser participar vem até nós buscar o seu número e, ao longo da noite, as pessoas vão votar nos disfarces que mais gostarem e, claro, ganha quem tiver mais votos.

TIAGO

Fixe. Vou querer o meu.

TERESA

Não se esqueçam de ir ter connosco, está bem?

(MAIS)

TERESA (CONT.)

Na altura têm de dar os vossos nomes
quando distribuirmos os pins.

LUÍSA

Está bem. Então até mais logo.

(Para Tiago)

Vamos, quero ir começar a preparar-me.

Luísa começa a empurrar Tiago e afastam-se.

TERESA & ANTÓNIO

Até logo, meninos!

TIAGO

Se precisarem é só ligar.

TERESA

Está bem.

13. EXTERIOR

URBANIZAÇÃO - CONTÍNUO

Luísa e Tiago caminham em direção a casa de Luísa.

TIAGO

Vais disfarçada de quê?

LUÍSA

La Catrina.

TIAGO

Ora, andamos muito mexicana.

LUÍSA

Vou ser a dama da morte mais bonita que
vais ver hoje!

Tiago ri à gargalhada.

TIAGO

Estás bem otimista, não estás?

LUÍSA

Realista.

José passa por eles, em direção à sua carrinha, e não desvia o olhar de Luísa.

TIAGO

Aquele ficou mesmo encantado contigo. Se calhar era melhor alguém lhe dizer que tens 16 anos?

LUÍSA

Esse ainda me vai dar trabalho, mas deixa lá isso. E tu, vais disfarçado de quê?

TIAGO

Eu vou de monstro do Frankenstein.

LUÍSA

Boa! Vais ter parafusos na cabeça?

TIAGO

Vou! 6 deles!

Riem, animados. Estão a chegar

TIAGO (CONT.)

Já sabias que os Legend Hunters vão tocar aqui perto?

LUÍSA

Naquela discoteca, não é? Detesto aquele sítio. Muita gente.

TIAGO

Já foste lá?

LUÍSA

Já... Fui com o Rúben e os amigos dele quando ele passou aqui um fim de semana. Pior noite da minha vida.

TIAGO

Tudo com ele foi mau e ele ainda a achar-se a última bolacha do pacote.

Luísa dá um estalo de língua em desprezo.

LUÍSA

Gostava de ver os Legend ao vivo outra vez, mas não será desta. Logo os apanho na próxima.

Param no meio da estrada, entre as casas de ambos.

TIAGO

Queres ajuda para a fantasia?

LUÍSA

Não, a minha mãe ajuda-me. E tu?
Precisas de ajuda?

TIAGO

(Sorri)

Não, obrigado. Vemo-nos mais logo então.

LUÍSA

Sim, até logo.

Luísa abraça-o, o que é normal, mas nada esperado naquele instante. Tiago retribui o abraço.

Após alguns segundos, separam-se.

LUÍSA (CONT.)

És um amigo muito importante para mim.
Obrigada por tudo.

Tiago emociona-se e abraça-a de volta.

TIAGO

Obrigado eu.

Voltam a afastar-se e secam as lágrimas. Paula aproxima-se um pouco.

PAULA

Luísa?

Ambos dirigem a sua atenção para a senhora idosa.

LUÍSA

Sim, dona Paula?

PAULA

Podem ajudar-me aqui em casa?

LUÍSA

Claro que sim.

Tiago e Luísa aproximam-se de Paula.

14. INTERIOR

CASA DE PAULA / SALA - MANHÃ

Luísa e Tiago entram atrás de Paula, que se dirige a um armário alto com várias caixas em cima.

PAULA

(Aponta)

Conseguem baixar aquela caixa? Tenho medo de subir uma cadeira e cair com a caixa.

TIAGO

Claro, eu tiro isso.

Tiago chega à caixa sem grande dificuldade, apesar de pesada, e pousa-a na mesa de centro.

PAULA

Muito obrigada.

Paula abre a caixa, repleta de álbuns fotográficos.

TIAGO

Está à procura de alguma coisa, dona Paula?

PAULA

Estava à procura de uma foto do meu marido, de uma festa de halloween. A Teresa pediu para quem tiver, que leve as fotos de outros anos.

Luísa inclina-se um pouco, curiosa. Paula tira alguns álbuns para fora.

LUÍSA

Participaram em muitas festas destas,
dona Paula?

PAULA

Poucas. Mas as suficientes. É sempre
bom ver a urbanização cheia de pessoas
assim. É das poucas vezes que isto tem
vida.

Paula abre um dos álbuns e alguma coisa pequena e preta cai
aos pés de Luísa.

Enquanto Paula folheia o álbum, Luísa apanha o que caiu: uma
pequena semente.

PAULA (CONT.)

Achei.

Olham todos para uma foto onde se vê Paula, alguns anos mais
nova, com o seu marido, FREDERICO (30). Ele está vestido
com uma fantasia muito simples de Conde Drácula e Paula tem
apenas um vestido branco e uma peruca loira.

LUÍSA

Vocês eram muito felizes juntos.

PAULA

Éramos mesmo. O meu Frederico... nunca
voltou para casa.

LUÍSA

O que aconteceu com ele?

PAULA

Ele foi morto no fim da guerra colonial,
em 1974.

Tiago e Luísa ficam em silêncio, a sentir pena da vida que
aquele casal podia ter tido.

PAULA (CONT.)

Tinha apenas 30 anos. Nem sequer tive
os seus pertences de volta...

Luísa abraça Paula com força, mas carinhosa.

Afasta-se após alguns segundos.

LUÍSA

A dona Paula é uma mulher muito forte.
Espero que eu seja assim um dia.

Paula passa a sua mão pelo braço de Luísa.

PAULA

Tu já és, pequena. Tu já és.

Guarda o álbum de volta na caixa. Luísa aproxima a sua mão aberta com a pequena semente que caiu.

PAULA (CONT.)

O que é isso?

LUÍSA

Não sei. Mas caiu do seu álbum.

Paula agarra a semente e analisa-a.

PAULA

Parece uma semente. Mas não faço ideia
de onde isso veio nem porque estava ali
dentro.

Entrega-a de novo a Luísa.

PAULA (CONT.)

Obrigada por terem vindo ajudar-me.
Ainda existem jovens de bom coração.
Querem comer alguma coisa? Posso fazer
um chá.

Luísa e Tiago entreolham-se e sorriem-lhe.

LUÍSA

Só se podermos ajudar a preparar.

15. EXTERIOR

CASA DE DALILA / LOGRADOURO - MANHÃ

Mais tarde, Tiago e Luísa saem de casa de Paula. Despedem-se e vai cada uma para a sua casa.

Ao aproximar-se da porta de casa, Luísa assusta-se com um RESMALHAR que ouve nos arbustos atrás de três grandes abóboras que estão amontadas num canto.

Uma das abóboras está esculpida em alusão ao personagem Jack-O'-Lantern, outra como o Jack Skellington e a terceira parece o Beetlejuice.

Aproxima-se para tentar perceber o que causou aquele ruído, mas, como não encontra nada de anormal, entra em casa.

O gato sai de trás das abóboras e fica a olhar para a porta com os seus grandes olhos dourados.

À medida que a imagem se aproxima do seu olho direito...

MATCH CUT TO:

16. EXTERIOR

ROTUNDA DA URBANIZAÇÃO - TARDE

... vemos a rotunda de cima.

A urbanização começa a encher-se de VISITANTES que vêm para a festa de "Día de Los Muertos".

Teresa termina de endireitar a fantasia de António enquanto os restantes moradores se aproximam, também já fantasiados. Tiago aproxima-se de Amélia, que está próxima do portão de sua casa (a número 10).

TIAGO

Dona Amélia, viu a Luísa?

AMÉLIA

Não vi, mas deve estar aí a aparecer.

Uma FAMÍLIA com duas crianças aproxima-se.

CRIANÇAS

Doce ou travessura?!

Tiago afasta-se para não atrapalhar a dona Amélia.

AMÉLIA

Olhem só o que temos aqui...!

Tiago ainda se vira para trás e assiste a dona Amélia entregar dois doces a cada uma das crianças, nostálgico.

INÍCIO DE FLASHBACK

17. EXTERIOR

URBANIZAÇÃO - NOITE

Toda a urbanização está decorada com enfeites de Halloween. Muitas CRIANÇAS correm de um lado para o outro com doces e chocolates nas mãos e felizes por os conseguirem.

Há um grupo de pais que caminha atrás das crianças enquanto conversa. No meio desse grupo está DALILA (30) e alguns outros moradores da urbanização e visitantes.

LUÍSA (8) está agarrada à roupa da mãe, tímida, quando TIAGO (9) se aproxima. Ele comporta-se como se fosse o rapaz mais fixe da urbanização.

DALILA

Luísa, filha, tens de ir pedir doces também, senão não vais ter nenhum para comer.

Luísa apenas esconde a cara na roupa da mãe.

TIAGO

Queres vir comigo? Eu mostro-te como é.
Anda.

DALILA

Vai lá, filha, o Tiago ajuda-te.

Tiago estende-lhe a mão e, após alguns segundos de vergonha, Luísa agarra a mão dele e ambos saem a correr.

FIM DE FLASHBACK

18. EXTERIOR

ROTUNDA DA URBANIZAÇÃO - NOITE

De volta ao presente, Tiago continua a afastar, em direção a casa de Luísa.

19. INTERIOR

CASA DE LUÍSA / HALL - TARDE

Luísa desce as escadas. Já está pronta, com o seu vestido estilo mexicano com folhos e uma bandetele com rosas na cabeça e, claro, a maquilhagem com a característica calavera.

Os traços da maquilhagem, bem delineada, faz sobressair a sua beleza além de lhe dar um aspeto de mulher adulta.

Traz a pequena semente na mão e aproxima-se de Dalila, que está em frente ao espelho a terminar de colocar as bijuterias da sua fantasia de bruxa.

LUÍSA

Sabes que tipo de semente é esta?

Dalila olha-a com atenção.

DALILA

Não faço a menor ideia... Porquê? Onde é que encontraste isso?

LUÍSA

Encontrei em casa da dona Paula. Ela deu-ma.

Guarda a semente no bolso antes de reparar melhor em Dalila.

LUÍSA (CONT.)

Mas que bonita que tu estás!

DALILA

Não me gozes. Sabes muito bem que a Teresa me obrigou a vestir isto.

LUÍSA

Ai, sim? Não a vejo aqui a apontar-te
uma arma.

Luísa ri, mas rapidamente para quando Dalila lhe olha de
atravessado. Claro que, no fundo, estão apenas a brincar uma
com a outra.

LUÍSA (CONT.)

Olha, eu vou já andando para lá, se não
quem vai ter uma arma apontada sou eu.

Luísa dirige-se para a porta, apressada, enquanto Dalila
ainda passa um pincel pela cara para retocar alguns pontos
da maquilhagem.

DALILA

Está bem, eu também estou quase.

Ao sair de casa...

20. EXTERIOR

CASA DE DALILA / LOGRADOURO - CONTÍNUO

... Luísa encontra o gato a olhá-la, sentado na relva.

LUÍSA

Tu, outra vez?

Desta vez, o gato apenas olha para ela por instantes antes
de se levantar e fugir por entre os arbustos que levam para
as traseiras.

Luísa segue-o, decidida. Logo a seguir, Tiago chega e toca à
CAMPAINHA.

Dalila abre a porta.

TIAGO

Olá. A Luísa ainda está em casa?

DALILA

Ela saiu agora mesmo, deves ter-te
cruzado com ela.

TIAGO

A sério? Nem reparei. Obrigado e desculpe incomodar.

DALILA

Sem problema. Até já.

Tiago afasta-se e Dalila fecha a porta.

21. EXTERIOR

ROTUNDA DA URBANIZAÇÃO - TARDE

Luísa chega à estrada ao passar pelo jardim abandonado da casa número 4. Vê o gato a caminhar por entre as pessoas em direção à árvore e segue atrás dele.

A comoção em volta do palco ali ao lado já está alta e dificilmente percebem a presença de Luísa. De qualquer forma, o ângulo de visão de para onde o gato vai é tapado pelas mesas onde algumas pessoas jantam e uma armação em madeira que as separa da árvore.

Luísa segue o gato, que se esconde numa abertura lateral da árvore, e é apanhada de surpresa quando percebe que está diante de um buraco escuro e fundo.

Indecisa se deve ou não entrar, começa a arrastar-se para voltar para trás quando é agarrada por raízes e puxada.

Ninguém a ouve gritar por causa da música alta.

22. INTERIOR

TÚNEIS DA ÁRVORE - TARDE

Luísa cai violentamente no túnel escuro e poeirento. Ao se levantar, primeiro olha confusa para as suas mãos e roupa, depois para cima. Não encontra a abertura por onde passou.

O chão, lamacento, está assim por causa das chuvas e, ao avançar pelo túnel, percebe uma sarjeta acima da cabeça, tapada pelo palco.

Um MIADO assusta-a e, num salto, tira o telemóvel do bolso e utiliza a lanterna para iluminar o local.

Ao olhar para trás, vê o gato sentado numa pedra seca a olhá-la com os seus dois grandes olhos. Agora mais calma, segue-o para o fundo do corredor escuro.

Após alguns passos, chega a uma parede de madeira velha. Ao espreitar, vê uma cave do outro lado.

O gato MIA e o som ecoa por momentos antes de roçar-se pelas pernas dela e passar por um pequeno buraco na parede.

Assim, Luísa é obrigada a arrancar duas tábuas para conseguir passar e...

23. INTERIOR

CASA ANTIGA DA URBANIZAÇÃO / CAVE - CONTÍNUO

... entrar na cave da casa antiga de madeira da urbanização. Ao subir as escadas velhas, todos os degraus RANGEM a cada passo.

24. INTERIOR

CASA ANTIGA DA URBANIZAÇÃO / SALA - NOITE

Lá fora já está escuro quando Luísa vem do corredor.

A sua respiração para abruptamente ao perceber uma mancha antiga de uma poça de sangue seco no chão. Passa um pouco ao lado e tropeça no tapete empoeirado. Curiosa, afasta-o e revela um símbolo satânico desenhado no chão.

Como se fosse atacada por memórias, Luísa corre para a rua...

25. EXTERIOR

TERRENO DA IGREJA - CONTÍNUO

... e, após alguns segundos a olhar para a casa velha, percebe que toda a urbanização desapareceu. Todo o local está deserto, com terra recém colocada e apenas algumas ervas a nascer.

Antes de conseguir recuperar do choque, percebe que algumas luzes se aproximam por entre o mato em volta da casa e esconde-se rapidamente atrás de uns arbustos.

Os aldeões chegam ao campo deserto com as suas forquilhas e tochas enquanto arrastam Dinis e puxam a guilhotina.

De uma forma mais acelerada, Luísa assiste às ações que levaram à morte de Dinis.

DINIS

Por favor! Deixem-me ir! Eu não fiz nada! SOCORRO!

Luísa repara nas seis crianças a chorar e a puxar o cavalo.

CHEFE DA ALDEIA

Pelos poderes que me foram investidos,
declaro-te culpado de feitiçaria!

DINIS

Mas eu só o curei da sua doença!

A voz de Dinis entrelaça-se com a voz do homem que profere a sua sentença.

CHEFE DA ALDEIA

Com bruxedo! A minha voz é soberana!

DINIS

Eu só o salvei! Por minha causa, poderá
viver mais alguns anos!

CHEFE DA ALDEIA

A tua sentença é morte pela guilhotina!

Ao olhar para trás e ver a guilhotina, Dinis entra em pânico. Os seus irmãos tentam aproximar-se, mas têm o seu caminho bloqueado rapidamente por outros aldeões.

Gritos e choro cobrem todo o espaço enquanto Luísa assiste a tudo, escondida. Repara no relicário de Dinis pendurado ao seu pescoço quando tem a sua cabeça colocada abaixo da lâmina.

DINIS

Por favor, eu peço, não me matem!

Dinis consegue olhar para os seus irmãos, a alguns metros, agarrados pelos aldeões.

DINIS (CONT.)

Por favor...

Tudo fica em silêncio. Apenas se ouve a lâmina DESLIZAR à medida que se dirige ao pescoço de Dinis e um BATE final ao chegar à madeira abaixo.

Luísa tapa a boca, em choque, e para abafar o som do ar a sair pelas suas vias respiratórias.

O cavalo RELINCHA enquanto galopa em direção ao instrumento de morte, levanta as duas pernas frontais e antes mesmo de as baixar novamente, é empalado quando várias forquilhas entram na sua carne.

Luísa ainda vê os seis irmãos serem afastados e o aldeão que procura a cabeça de Dinis.

As crianças choram e os aldeões começam a colocar palha e folhas secas debaixo da guilhotina. Puxam o cavalo para mais próximo da guilhotina e, por fim, iluminam a noite ao aproximar as tochas das folhas.

Um a um, todos se afastam e voltam para a aldeia enquanto o fogo arde. As crianças, sozinhas, aproximam-se dos corpos em chamas.

O choro intensifica-se enquanto as suas faces são banhadas por lágrimas e o ar é inundado pelos seus gritos de dor profunda.

Luísa aproxima-se e, sem nenhuma palavra, as crianças abraçam-na, chorosas. Também ela se emociona e, após ajoelhar-se, abraça-as de volta. Ficam ali paradas enquanto o fogo continua a arder. O cheiro é horrível, mas ninguém se quer afastar.

Luísa passa a mão pelo pequeno bolso da sua fantasia e tira a semente que lhe foi dada. O irmão mais pequeno de Dinis olha-a, curioso e com vontade de lhe pedir.

Luísa dá-lhe a semente antes de lhe passar a mão carinhosamente na cabeça.

Quando, finalmente, tudo se torna cinzas, os pequenos aproximam-se e escavam um pequeno buraco no chão onde plantam a semente.

Depois, um pouco mais calmos, aproximam-se de Luísa e voltam a abraçá-la, em agradecimento, e vão embora.

O gato volta a MIAR, a alguns metros atrás. Está a chamar para que o siga. Luísa levanta-se, sacode a roupa e segue-o de volta para a casa.

26. INTERIOR

CASA ANTIGA DA URBANIZAÇÃO / SALA - NOITE

Luísa passa novamente pela sala com cuidado para não pisar nem o sangue nem o símbolo desenhado, em direção à cave.

27. INTERIOR

CASA ANTIGA DA URBANIZAÇÃO / CAVE - NOITE

Desce a escada atrás do gato e ambos voltam ao túnel.

28. EXTERIOR

ROTUNDA DA URBANIZAÇÃO - TARDE

Luísa sai pela mesma abertura da árvore por onde entrou momentos antes e percebe que, embora para ela tenham passado alguns minutos, ali está tudo tal qual estava como quando saiu.

Enquanto Luísa se aproxima do food truck de José, Sara, Carolina e Vanessa passam por ela.

As três raparigas estão fantasiadas de Mulher de Branco, com sangue no canto da boca e uma cruz invertida desenhada na testa. Os vestidos de Sara e de Vanessa, além de apertados, são muito curtos e quase relevam as nádegas conforme caminham.

Já o de Carolina, um pouco menos revelador, ainda mantém o design curto, a descer até próximo dos joelhos, e uma fenda do lado direito que revela a sua perna na totalidade.

José não reconhece Luísa de imediato. Ele está disfarçado de viking, mas utiliza uma t-shirt e uns calções pretos por baixo por estar a trabalhar.

LUÍSA

Podes arranjar-me uma garrafa de água,
por favor?

Rapidamente ele agarra uma garrafa da arca abaixo do balcão e entrega-a.

JOSÉ

Aqui tens. Gosto do disfarce. Mas o que
é isso mesmo?

LUÍSA

Como é que não sabes?

JOSÉ

Pois, não sei mesmo...

LUÍSA

La Catrina. A dama da morte do folclore
mexicano. E tu deves estar disfarçado
de...

Luísa não está a perceber muito bem a fantasia por causa das
roupas pretas.

LUÍSA (CONT.)

Estou confusa...

José ri-se dela.

JOSÉ

Viking. Tenho a roupa preta por baixo
só por causa do trabalho. Quando me
for juntar à multidão eu tiro a roupa a
mais.

Luísa percebe que aquelas palavras são apenas um flirt.

LUÍSA

Acho que fazes muito bem, não pode ser
só trabalhar.

José reconhece finalmente a voz de Luísa.

JOSÉ

Tu és aquela miúda que esteve aqui mais cedo com o outro rapaz? Da organização?

LUÍSA

Sim, sou eu.

JOSÉ

És mais bonita sem essa maquilhagem.

Luísa ri.

LUÍSA

Eu volto mais tarde para pagar a água, está bem? Não te preocupes que não vou muito longe.

JOSÉ

Eu não me esqueço de cobrar.

José pisca-lhe o olho e Luísa tanto gosta do gesto como também sente um pouco de repúdio e afasta-se. Encontra Marco com uma fantasia amadora de Joker.

LUÍSA

Marco, sabes onde é que está o Tiago?

MARCO

Ele foi à tua procura a tua casa.

Ao olhar na direção da sua casa, Luísa vê o monstro do Frankenstein a aproximar-se.

TIAGO

Finalmente encontrei-te! Estás muito bem disfarçada, parabéns!

LUÍSA

Obrigada. Tu também ficaste muito bem. Finalmente tens os parafusos no sítio.

Tiago e Marco riem da piada, mas são interrompidos quando Fábio, disfarçado de médico da praga, também se aproxima deles. Fica muito próximo de Marco e ninguém sabe quem é.

TIAGO

Quem é esse aí?

MARCO

Não sei...

Fábio tenta ficar em silêncio, mas começa a rir.

MARCO (CONT.)

Fábio?! Que máscara fixe!

Fábio tira a máscara ainda a rir.

FÁBIO

Eu tentei ficar quieto, mas as vossas caras estavam muito boas.

LUÍSA

Vamos buscar os nossos números?

FÁBIO

Quais números?

LUÍSA

Então, os números do concurso. A ideia é cada um ter o seu para as pessoas votarem ao longo da noite.

FÁBIO

É verdade! Tinha-me esquecido completamente.

LUÍSA

Vamos!

Luísa dirige-se rapidamente para a frente do palco, do outro lado da rotunda, onde está uma gondola enorme onde devem colocar o voto.

Ao lado, Jéssica e Armando são os responsáveis por entregar os números aos concorrentes. Está muito barulho, por isso têm de conversar quase aos gritos.

JÉSSICA

Olá, meninos! Estava a ver que não se vinham inscrever!

LUÍSA

Quase que nos esquecemos!

Jéssica aponta o nome de Luísa, de Marco e de Tiago, mas não reconhece Fábio. Armando entrega os números a cada um.

JÉSSICA

Quem é que está dentro dessa fantasia?

FÁBIO

Sou eu, o Fábio!

JÉSSICA

Ah, desculpa!

Rapidamente, Jéssica termina a inscrição deles e segue para o próximo grupo. Armando entrega também um boletim de voto a cada um e grita ao ouvido de Tiago.

ARMANDO

Ali na gondola têm uma caneta pendurada, usem-na para votar!

TIAGO

Está bem!

Afastam-se do barulho, para próximo dos food trucks. José repara logo em Luísa.

TIAGO (CONT.)

Ouviram? Quando quiserem votar em alguém é só irem até à gondola que a caneta está lá ao lado.

José passa por eles. Já tem o seu número, o 15, e fala diretamente para Luísa.

JOSÉ

Anota aí o número vencedor nesse papel.

LUÍSA

Qual? O meu?

Mostra-lhe o seu número, o 23, e José afasta-se a sorrir.

TIAGO

Tem cuidado, Luísa.

LUÍSA

Ele não tem hipótese comigo. Eu só quero é que ele vote em mim.

Os três riem ao perceber a jogada dela. Colocam os pins com os números na roupa. Tiago tem o número 24, Fábio o 25 e Marco o 26.

MARCO

As mulheres são mesmo tramadas.

FÁBIO

Vamos dançar? Temos de mostrar as nossas máscaras às pessoas para votarem em nós!

MARCO

'Bora!

Luísa e Tiago seguem Fábio e Marco para o meio da multidão.

29. EXTERIOR

URBANIZAÇÃO - NOITE

José está agora no meio da multidão, desta vez sem a roupa preta por baixo, o que revela mais alguma pele e músculos.

Luísa chega a ficar embasbacada por momentos, o tempo suficiente para que José perceba, antes que Tiago possa intervir.

TIAGO

Para de olhar para ele! 'Tás a dar bué cana!

Luísa está desconcertada. A sua separação de Rúben está a mexer-lhe com a cabeça.

LUÍSA

Eu volto já!

Afasta-se novamente para próximo dos food trucks, onde está um ambiente mais calmo.

Tiago repara novamente em dona Amélia, novamente a oferecer doces a outras crianças fantasiadas, e aproxima-se um pouco da casa dela.

INÍCIO DE FLASHBACK

30. EXTERIOR

CASA DE AMÉLIA / LOGRADOURO - NOITE

Tiago (9) e Luísa (8) estão parados à porta de Amélia. Está um espantalho assustador sentado próximo da porta.

TIAGO

Agora vamos gritar em conjunto "Doçura ou travessura!" está bem?

Luísa apenas anui, ainda muito envergonhada. Dalila e o resto do grupo de pais vigia-os desde a estrada. A movimentação de crianças pela urbanização continua a ser bastante e o ambiente é muito alegre.

TIAGO (CONT.)

3, 2, 1...

TIAGO & LUÍSA

Doçura ou travessura!

Após alguns segundos, ninguém vem à porta.

TIAGO

Vamos tentar de novo.

Agora mais alto.

TIAGO & LUÍSA

Doçura ou travessura?

O espantalho mexe-se um pouco, o que assusta as duas crianças, mas Tiago mantém-se firme, afinal, ele quer ser o mais fixe da urbanização.

Por sua vez, Luísa corre para os braços de Dalila muito

assustada.

Debaixo da fantasia de espantalho está Amélia.

AMÉLIA

Não queria que ela se assustasse tanto.

Entrega dois chocolates a Tiago.

TIAGO

Dona Amélia?

Amélia coloca o dedo em frente aos lábios, como se lhe pedisse segredo.

AMÉLIA

Não contes nada a ninguém.

Tiago sorri antes de se afastar.

31. EXTERIOR

RUA DA URBANIZAÇÃO - CONTÍNUO

Tiago aproxima-se de Luísa, agarrada a Dalila e com os olhos já lavados em lágrimas.

TIAGO

Toma.

Estende-lhe os dois chocolates que Amélia lhes deu. Luísa olha para os chocolates, depois para Tiago, que lhe sorri.

TIAGO (CONT.)

São para ti.

Luísa aceita-os.

TIAGO (CONT.)

Vamos à próxima casa? Ainda temos de pedir muitos doces.

Luísa limpa as lágrimas e, sorridente, segue Tiago até à próxima casa.

FIM DE FLASHBACK

32. EXTERIOR

RUA DA URBANIZAÇÃO - NOITE

Tiago volta ao presente e percebe que está no mesmo local onde estava no fim da sua memória. Afasta-se com um sorriso no rosto.

33. EXTERIOR

ROTUNDA DA URBANIZAÇÃO - NOITE

Luísa senta-se numa cadeira e aproveita para atar uma parte do vestido que se desatou. A sua cabeça está presa num turbilhão de pensamentos.

Ao levantar o olhar, vê o gato de olhos dourados entre as food trucks.

O gato dirige-se para a torre e Luísa segue-o. José sai detrás da armação de madeira e segue-a sem que ela perceba.

34. EXTERIOR

TORRE DA URBANIZAÇÃO / ENTRADA - NOITE

Ao chegar próxima da porta, vê o gato esconder-se na escuridão por entre os arbustos e, depois, percebe que os olhos dourados sobem pela vegetação como se fosse uma pessoa a levantar-se e até ficarem mais ou menos à sua altura.

Ao sair dos arbustos, os olhos de Dinis voltam à sua cor normal. Traz pelas rédeas o cavalo que foi empalado.

LUÍSA

Tu és...?

DINIS

O meu nome é Dinis. Fui acusado de ser um bruxo, fui decapitado e queimado na fogueira, juntamente com o meu cavalo.

Luísa olha-o com fascínio, mas também com receio.

DINIS (CONT.)

Se não fosse por aquela semente que os meus irmãos plantaram eu não estaria aqui hoje.

Apesar de visivelmente confusa, Luísa segue a conversa.

LUÍSA

O que fizeste para aquelas pessoas te terem feito aquilo?

A expressão de Dinis transparece ódio.

DINIS

Curei a gripe do homem que me condenou. Usei ervas medicinais, por isso todos acharam que tinha feito algum tipo de bruxaria.

José aproxima-se e vê apenas Luísa. Mantém-se escondido atrás dos arbustos.

LUÍSA

E aquelas crianças? Eram teus irmãos?

DINIS

Sim. Ficaram sozinhos depois que eu fui assassino por aquelas gentes. Estão comigo.

O sorriso de Luísa dura pouco, pois alguém se aproxima por trás sem que ela perceba e arrasta-a novamente na direção da rotunda, ...

35. EXTERIOR

TERRENO DA IGREJA - CONTÍNUO

... mas leva-a de volta ao passado.

Não reconhece os aldeões que a puxam, tal qual fizeram com Dinis. Está vestida com a roupa dele e tem até o relicário ao pescoço.

LUÍSA

O que estão a fazer?! Larguem-me!

Sem tempo a perder, é deitada e atada na guilhotina. Não chega a ver os irmãos de Dinis nem o seu cavalo.

A lâmina desce rapidamente enquanto ela grita e silencia-a de uma vez.

O relicário cai no chão e a cabeça de Luísa rola até cair no buraco escuro...

36. INTERIOR

TÚNEIS DA ÁRVORE - CONTÍNUO

... e cai no meio do túnel. Apesar de estar separada do corpo, os olhos ainda veem. Uma Sombra com uma silhueta humana desliza pelo teto antes de descer pela parede e possuir a cabeça decepada.

Na escuridão, a cabeça torna-se no gato preto de olhos dourados no mesmo instante em que o aldeão espreita para dentro do buraco. O gato ROSNA e o eco afugenta o aldeão.

Salta e espreita pelo buraco...

37. EXTERIOR

TERRENO DA IGREJA - CONTÍNUO

... e vê que estão a acender a fogueira debaixo da guilhotina. O fogo consome as madeiras e os tecidos muito rapidamente. No pescoço decepado de Luísa, a cor do fogo torna-se roxa antes de dizimar tudo por completo.

As cinzas e os ossos espalham-se pelo chão ao mesmo tempo que os aldeões se afastam. Os seis irmãos de Dinis aproximam-se. O mais novo planta a semente no meio das cinzas com a ajuda dos restantes.

A árvore cresce.

A passagem do tempo é pautada pelo sol e pela lua no céu. Quando a árvore já cresceu bastante, as crianças aproximam-se e aninham-se numa das aberturas da árvore, que os envolve e guarda dentro do seu próprio caule.

A árvore continua a crescer até ficar igual aos dias atuais.
O gato fecha os olhos.

MATCH CUT TO:

38. EXTERIOR

TORRE DA URBANIZAÇÃO / ENTRADA - NOITE

Luísa abre os olhos, de volta à realidade. Passa as mãos pelo pescoço e depois pelo resto do corpo, como se ainda sentisse as dores.

Para José, é como se o tempo não tivesse passado e apenas a vê a falar sozinha.

Luísa, de cara lavada em lágrimas e soluços que não a deixam falar, está muito triste e sente muita pena de Dinis e dos seus irmãos.

LUÍSA

Como é que aquelas pessoas puderam
fazer aquilo? Tu... E os teus irmãos...

DINIS

Por favor... liberta-nos. Se ficarmos aqui
mais um ano vamos ficar presos para
sempre naquela árvore.

Dinis desaparece no mesmo instante em que José se aproxima e a assusta.

JOSÉ

Está tudo bem contigo?

LUÍSA

O que fazes aqui? Estás a seguir-me?

José aproxima-se com um lenço para que Luísa seque as lágrimas.

JOSÉ

Toma.

LUÍSA

Se eu passar isso na cara agora vou
tirar a maquilhagem toda.

JOSÉ

(Sorri, compreensivo)
Já está a ficar toda borrada de qualquer
maneira.

Luísa passa o lenço com cuidado para secar apenas as
lágrimas e não tirar a maquilhagem.

LUÍSA

Seguiste-me até aqui?

JOSÉ

Não me leves a mal. Apenas achei
estranho estares a vir para aqui
sozinha, pensei que tinha acontecido
alguma coisa.

Luísa volta a perceber os músculos de José e fica
desconcertada novamente.

LUÍSA

Não aconteceu nada. Tenho de voltar
para perto dos meus amigos.

Tenta sair, mas José agarra-a suavemente pelo braço.

JOSÉ

Espera.

Aproxima-se e passa a mão pela face de Luísa.

JOSÉ (CONT.)

Não queres ficar só mais um pouco? Aqui
ninguém nos incomoda.

Luísa afasta o braço com força.

LUÍSA

Vê se ganhas juízo. Eu só tenho 16 anos
e não sou desse tipo de gaja.

Aquela negação deixa José irritado.

JOSÉ

Mas tu achas mesmo que tens algum tipo
de palavra aqui?

Luísa fica muito assustada, apesar de tentar não demonstrar.
José torna-se muito violento e agarra-a novamente.

LUÍSA

Larga-me!

Arrasta-a com violência até bater contra a porta da torre.

JOSÉ

Tu não sais daqui sem antes nos
divertirmos um pouco.

Sem força suficiente, Luísa não se consegue desenvencilhar de
José que a agarra pelos pulsos com uma mão enquanto a obriga
a aproximar a sua cara da dele com a outra.

LUÍSA

Deixa-me, por favor!

Os lábios de ambos estão quase a tocar quando se ouve um
RELINCHAR assustador atrás de José.

Luísa é largada e José dá dois passos para o lado, de olhos
abertos e amedrontado.

O cavalo de Dinis, montado por um cavaleiro sem cabeça e o
gato de olhos dourados no ombro do cavaleiro, está levantado
em levade.

Aterrorizado, José tenta sair dali, mas antes é atingido
pelo casco de uma pata dianteira do cavalo que lhe fere toda
a região esquerda da cara e da boca.

O cavalo pousa no chão ao mesmo tempo que José, agora
ajoelhado, cospe sangue no meio das ervas.

Ao olhar para cima, além de toda a imponência do cavalo e
do mistério inquietante do cavaleiro sem cabeça, vê o gato,
calmo e sereno, olhar-lhe como se pudesse ver dentro dos
seus olhos.

Em completo terror, José corre de volta à urbanização.

O gato coloca-se em cima do pescoço decepado e torna-se na cabeça de Dinis. Luísa percebe por fim quem a salvou.

LUÍSA (CONT.)

Obrigada.

Sem dizer nada, Dinis vira o cavalo e galopa por entre a vegetação. Após um momento para se acalmar, Luísa volta para a urbanização.

39. EXTERIOR

ROTUNDA DA URBANIZAÇÃO - NOITE

Tiago, Marco e Fábio procuram por Luísa na zona das mesas. Veem que, numa delas, José está com um pano na cara enquanto Teresa e António se aproximam com um estojo de primeiros socorros.

TERESA

O que aconteceu consigo?

ANTÓNIO

Parece que levou com alguma coisa muito dura na cara.

JOSÉ

Não foi nada de mais, só caí e dei com a cara no chão.

Ao colocar os dedos dentro da boca, arranca dois dentes que estavam já deslocados pela força do embate. José chora, bem mais ferido no ego do que na cara.

ANTÓNIO

Vamos arranjar alguém para te levar ao hospital coser a cara, está bem?

Luísa chega nesse instante e aproxima-se dos amigos enquanto olha com desprezo para José.

TIAGO

Sabes o que aconteceu com aquele?

LUÍSA

Não faço ideia.

TIAGO

E onde é que estavas? Procurámos por ti em todo o lado.

Luísa aproxima-se um pouco mais de Tiago para que só ele a ouça.

LUÍSA

Preciso de falar contigo.

TIAGO

Meninos, não querem beber qualquer coisa?

Tira uma nota de 10€ do bolso e entrega-a a Marco.

TIAGO (CONT.)

Comprem o que quiserem para vocês e dois Iced Tea para mim e para a Luísa, por favor.

MARCO

Está bem.

Marco e Fábio afastam-se em direção a um dos food trucks.

TIAGO

Conta-me tudo.

LUÍSA

Vais achar que estou a gozar... Mas a semente que encontrámos em casa da dona Paula...

Olha para a árvore da rotunda.

LUÍSA (CONT.)

... é a semente de onde nasceu a árvore da rotunda.

TIAGO

(Completamente descrente)
O quê? Isso não é possível.

LUÍSA

Vamos para outro sítio conversar e eu conto-te tudo.

Ao se afastarem, Luísa olha novamente para José e percebe que também ele lhe olha, com ódio fervente no olhar.

40. INTERIOR

CASA DE TIAGO / SALA - NOITE

Luísa e Tiago estão sentados no sofá. Luísa acabou de lhe contar a sua experiência com a semente e o que aconteceu a Dinis, o que o deixa completamente atónito.

TIAGO

Não posso acreditar... quer dizer que... A lenda do cavaleiro sem cabeça é real?

LUÍSA

Eu não sei o que é real ou não... isto é tudo muito confuso... acho que ainda estou em choque e estou, definitivamente, arrepiada com o que aconteceu.

Passa a mão no pescoço, em alusão à decapitação. Tiago olha para o relógio e, depois, para a rua pela janela acima do lava-loiça e percebe que está quase na hora dos resultados do concurso.

TIAGO

Se calhar já nem vale a pena irmos lá para fora, já estamos aqui dentro há tanto tempo que ninguém deve ter votado em nós.

LUÍSA

Tiago, concentra-te. Aquela semente não devia estar guardada no meio das coisas da dona Paula por coincidência. Alguém a colocou lá. Ou, pelo menos, alguém a deu à dona Paula.

TIAGO

Mas ela disse que não sabia do que era.

Luísa levanta-se, pronta para ir lá para fora.

LUÍSA

Vamos procurá-la?

São interrompidos pela entrada de Vítor, apressado e com um envelope em mãos, surpreendido pela presença dos dois ali.

VÍTOR

O que fazem aqui? Não deviam estar lá fora?

TIAGO

Vimos descansar um pouco. Está tudo bem, pai?

Vítor coloca o envelope no bolso de dentro do casaco.

VÍTOR

Está. Se alguém perguntar se me viram, dizem que não, ok? Estou a tentar preparar uma surpresa.

Sobe para o andar de cima enquanto Luísa e Tiago se entreolham, completamente confusos.

41. EXTERIOR

URBANIZAÇÃO - NOITE

Luísa e Tiago conseguem chegar até Paula, que está próxima da gondola da votação.

LUÍSA

Dona Paula! Podemos conversar?

PAULA

Agora não é muito boa altura. Está muito barulho!

TIAGO

Só queremos saber o que a dona Paula sabe sobre aquela semente que caiu do álbum de fotos!

PAULA

Eu não sei nada! Eu já vos tinha dito,
eu nem sei como é que ela foi lá parar!

Luísa e Tiago entreolham-se, sentindo-se derrotados.

LUÍSA

Está bem. Obrigada, dona Paula!

E afastam-se.

Ao fim de alguns passos, são interceptados por Marco e Fábio,
que trazem os dois Iced Tea em mãos.

MARCO

Onde é que vocês estavam? Já tenho a
mão toda gelada!

Entregam as bebidas.

LUÍSA

Desculpem, tivemos de fazer uma coisa.
Sabem se ainda falta muito para o
resultado do concurso?

Fábio tira a máscara.

FÁBIO

Ouvimos o Sr. António a dizer que está
quase. Vocês já votaram?

TIAGO

Ainda não.

FÁBIO

Então corram, antes que as votações
fechem.

TIAGO

Vamos lá, Luísa.

Luísa e Tiago aproximam-se da gondola de votação e fazem os
seus votos, em segredo.

42. EXTERIOR

CASA DE FÁBIO / JARDIM - NOITE

Fábio e Marco sentam-se em duas espreguiçadeiras à beira da piscina, cansados. Fábio tira a máscara, cheio de calor.

FÁBIO

Estou tão arrependido de usar esta coisa. É bué quente!

MARCO

Mas fica-te bem.

Marco solta uma gargalhada ao ver a cara de ofendido de Fábio.

FÁBIO

Queres dizer-me alguma coisa, é isso?

MARCO

Eu não. Para bom entendedor, meia palavra basta.

Fábio atira-lhe a máscara antes de ambos desatarem à gargalhada.

Encostam-se confortavelmente nas espreguiçadeiras a olhar para o céu estrelado. Ao fundo ouvem-se os gritos da festa.

MARCO (CONT.)

Podia ser Halloween o ano inteiro. A urbanização fica tão alegre por esta altura. Toda a gente sai de casa, todos se dão bem...

FÁBIO

É verdade.

Voltam a ficar em silêncio. Fábio prende a sua atenção na água da piscina a reluzir com a luz da lua. Marco estende-lhe a mão e, com um sorriso, Fábio agarra-a.

MARCO

Quanto tempo mais teremos de nos esconder?

FÁBIO

Sabes que, pelos meus pais, é na boa... O problema são os teus.

Marco olha-o, triste, antes de voltar a olhar para o céu.

MARCO

Nunca desistas de nós. Está bem?

FÁBIO

Nunca.

Deixam-se ficar de mãos dadas a aproveitar a noite que, ali, está calma, em contraste com a animação da festa a alguns metros de distância.

43. EXTERIOR

RUA DA URBANIZAÇÃO / PALCO DO CONCURSO - NOITE

António sobe ao palco de microfone em mãos. A gondola da votação já está aberta e vazia.

ANTÓNIO

Boa noite a todos!

Respondem-lhe com vários gritos e assobios.

ANTÓNIO (CONT.)

Estão prontos para saber quem é o vencedor do concurso deste ano?!

Voltam a gritar e assobiar. António espera que façam silêncio para conseguir retomar. Marco e Fábio aproximam-se de Luísa e Tiago, que assistem à esquerda do palco.

ANTÓNIO (CONT.)

Como já passámos um pouco da hora, vamos passar já aos 3 vencedores. Conforme eu vos chamar, vocês sobem e vêm buscar o vosso prémio, está bem?

Ouvem-se alguns gritos de apoio e alguns assobios rápidos.

ANTÓNIO (CONT.)

Em terceiro lugar, temos o número 14!

Um visitante fantasiado de "Relógio da Morte" sobe ao palco: coberto por um sobretudo vitoriano com detalhes dourados e prateados em formato de engrenagens, tem ponteiros e números romanos pintados por todo o tecido.

O peito e os ombros são cobertos por placas metálicas falsas com várias inscrições de horas e runas.

As mãos, tapadas por luvas pretas, têm coladas pequenas peças metálicas que parecem ossos. Até as botas, de estilo militar, trazem correntes e pequenos relógios pendurados.

Tem metade do rosto humano e a outra metade coberta por peças de relógio, engrenagens e fios dourados. A face humana está pálida, com olheiras profundas.

O olho da face metálica está tapado por uma lente de contacto prateada e tem um pequeno ponteiro colado à ténopora. A fantasia também tem pequenas luzes LED de cor âmbar espalhadas que destacam alguns dos elementos.

Todos batem palmas e misturam assobios com gritos de apoio enquanto Teresa entrega o terceiro prémio.

O ambiente é realmente muito alegre.

Após o terceiro colocado sair do palco, António prepara-se para revelar o segundo.

ANTÓNIO (CONT.)

E agora, com vocês, o segundo lugar vai para o número...

(Suspense)

32!

Do meio do público, "A Noiva do Espelho" corre para o palco. Traz um vestido de noiva antigo, de renda rasgada e queimada nas pontas, tingido com tons acinzentados e manchas vermelhas subtis.

O véu é translúcido e tem pequenos fragmentos de espelho costurados. A cintura e as mangas são adornadas com tecido prateado de seda, como se fossem laços desfeitos.

Nas costas do vestido podem ser vistas várias mãos pintadas, como se fantasmas lhe tivessem tocado. A pele branca e fria, quase sem cor contrasta com as olheiras profundas, os lábios

azulados e uma fenda fina que atravessa o rosto como vidro rachado.

Olhos prateados, quase incolores, e lágrimas negras descem dos olhos até meio das bochechas. O cabelo solto, liso e escuro, levemente molhado, tem pequenos reflexos prateados como vidro por entre as madeixas.

No peito, um espelho em formato de coração, completamente rachado, reflete a luz que incide sobre ela e várias luzes LED espalhadas pela saia do vestido piscam alternadas para um efeito etéreo.

Mais uma vez, as palmas, os gritos e os assobios tomam conta da urbanização. Teresa entrega o segundo prêmio.

Todos estão a gostar dos vencedores e a apoiar os resultados.

ANTÓNIO (CONT.)

E agora, o momento por que todos
esperávamos... está na hora de
descobriremos quem é o grande vencedor
da noite.

Todos ficam em silêncio, ansiosos. Parece até que só se ouvem os corações palpitando por breves instantes de tão silenciosa que fica a urbanização.

ANTÓNIO (CONT.)

Com vocês, o grande vencedor da noite,
com o número... 7!

Todos batem palmas, saltam, gritam e assobiam, mas ninguém vê o vencedor aproximar-se do palco. Ao fim de um tempo, voltam a fazer silêncio, enquanto se entreolham.

Algumas pessoas ainda questionam coisas como "Então, ninguém vai ao palco?" ou "Alguém sabe quem é o vencedor?".

Ao fim de alguns segundos, ouve-se o barulho de pequenos SINOS a tocar e todos olham em volta, em silêncio.

No meio da multidão está uma figura um pouco mais alta, de capuz: o "Cobrador de Almas".

Traz vestido um manto comprido e pesado, em tecido preto fosco com forro interior vermelho-escuro rasgado e manchado de cinza.

A bainha arrasta-se no chão a cada passo dado. Por baixo, camadas de gaze e tule escuros movem-se com o vento e fazem parecer que um leve nevoeiro segue os seus passos.

O capuz, profundo, oculta todo o rosto, coberto também por uma máscara de caveira, alongada, com leves traços humanos. Das cavidades oculares emana uma tímida luz dourada, enquanto uma névoa arroxeadada dança em torno da máscara.

Traz numa mão uma lanterna antiga, com uma luz interna oscilante azul clara. Na outra mão traz uma foice cujo cabo, de madeira retorcida, tem várias inscrições a tinta dourada e prateada.

Em volta da cintura traz pequenos frascos de vidro pendurados por uma corda, com uma névoa falsa no interior. A acompanhá-los, uma corrente de pequenos sinos emite o som agourento a cada passo dado.

Ao chegar ao centro do palco, levanta os dois braços ao lado do corpo e uma névoa intensa sai por debaixo das suas roupas e esconde todo o palco. Bate com a madeira da foice no chão três vezes antes de soltar um grito ensurdecer que não é, de todo, humano.

A névoa dissipa-se e a multidão, que continua em silêncio, começa timidamente a bater palmas até que todos se juntam em unísono.

Desta vez é António que se aproxima com o prémio do primeiro lugar e entrega-o ao vencedor que mantém a sua fantasia e não se revela.

Faz uma vénia antes de voltar a libertar uma grande quantidade de névoa do interior da fantasia que, quando se dissipa, revela que o vencedor desapareceu.

Todos olham em volta, confusos com aquele desaparecimento.

ANTÓNIO (CONT.)

Obrigado a todos!

(MAIS)

ANTÓNIO (CONT.)

Obrigado por terem vindo e tornado esta
noite memorável! Até para o ano!

António corre para fora do palco. O grupo de Luísa termina
de bater palmas e afasta-se, novamente para o lado da
rotunda onde estão as mesas e onde conseguem conversar.

44. EXTERIOR

ROTUNDA DA URBANIZAÇÃO - NOITE

Estão completamente em êxtase.

MARCO

Que fixe! Vocês viram aquilo?!

FÁBIO

Para onde é que será que ele foi? Fui
tudo bué rápido!

LUÍSA

Não sei, mas fiquei muito impressionada,
foi um espetáculo muito bom!

TIAGO

Nunca que eu vou conseguir fazer uma
coisa daquelas... fiquei com inveja.

LUÍSA

Acho que vou voltar para casa. Preciso
de descansar, este dia foi longo.

TIAGO

Sim, eu também vou.

MARCO

Oh, mas já? Nós vamos aproveitar mais
um pouco. Há sempre quem fique após a
festa.

LUÍSA

Então vemo-nos amanhã. Boa noite.

Luísa começa a afastar-se e Tiago segue-a.

MARCO & FÁBIO

Boa noite.

TIAGO

Até amanhã, moços.

45. EXTERIOR

URBANIZAÇÃO - NOITE

Luísa e Tiago caminham no meio da estrada em direção a casa. A festa está no fim e várias pessoas já foram embora. Além disso, também o volume da música está mais baixo.

TIAGO

Foi divertido.

LUÍSA

Sim. Mais uma festa de Halloween que acabou. Que horas são agora?

Tiago puxa um pouco as mangas e revela o seu relógio.

TIAGO

Meia noite em ponto.

LUÍSA

Então já é dia 1.

TIAGO

Día de los muertos?

LUÍSA

Mais ou menos. Dia 1 de novembro é Día de los Angelitos. Dia 2 é que é o verdadeiro Día de los muertos.

TIAGO

As coisas que tu sabes...

Luísa tira a bandetele da cabeça para aliviar o couro cabeludo e libertar todo o cabelo.

TIAGO (CONT.)

Ainda nem acredito no que me contaste.
Do cavaleiro sem cabeça, na guilhotina...

Luísa passa novamente a mão pelo pescoço.

LUÍSA

Não quero nem pensar nisso. Ele pediu-me ajuda para o salvar, mas eu não sei sequer por onde começar... disse que tem de ser libertado da árvore antes do próximo ano.

TIAGO

Não te lembras de nenhum detalhe?
Alguma coisa dele que possa ter ficado para trás e que o esteja a prender aqui?

Pensativa, Luísa não chega a nenhuma conclusão inicialmente, mas, de repente, lembra-se de algo.

LUÍSA

Já sei. Tu és um génio!

Corre em direção à árvore da urbanização e Tiago corre atrás dela.

46. EXTERIOR

ROTUNDA DA URBANIZAÇÃO - NOITE

Luísa corre até à árvore, atrás da armação de madeira, seguida por Tiago, e começa a escavar próxima à zona onde estava a abertura por onde ela caiu anteriormente.

LUÍSA

Deve estar por aqui. Ajuda-me!

Apesar de estar visivelmente confuso, Tiago ajuda-a a escavar até que, ao fim de alguns centímetros, encontram o relicário de Dinis.

Agora escurecido pelos séculos e pelo fogo que consumiu o seu dono, o relicário de ouro com manchas azuladas e dourado opaco nas bordas é impossível de abrir. Luísa ainda tenta, mas não consegue por causa do metal fundido.

TIAGO

E agora?

LUÍSA
(Inspira)
Não faço ideia.

Dalila espreita pela armação de madeira.

DALILA
Luísa? Estás aí?

LUÍSA
Sim, mãe.

Ambos saem de trás da armação enquanto Luísa guarda o relicário no bolso.

DALILA
O que fazem vocês dois aí?

LUÍSA
Nada, estávamos à procura de uma coisa
que eu deixei cair, mas esquece. Não
era importante.

Dalila não fica convencida, mas ignora.

DALILA
Vamos para casa? Amanhã temos de limpar
a urbanização.

LUÍSA
Boa ideia, estou cansada.
(Para Tiago)
Também vais?

TIAGO
Sim, vou aproveitar a boleia.

Dalila despede-se dos restantes que descansam sentados às mesas. Luísa e Tiago seguem o exemplo.

47. INTERIOR

CASA DE DALILA / QUARTO DE LUÍSA - NOITE

As únicas fontes de luz provêm da lua e de um candeeiro que Luísa tem no quarto.

Senta-se em frente ao espelho do tocador, cansada. Ainda tem a maquilhagem de Catrina para tirar. Pousa a bandelete no móvel ao mesmo tempo que ouve o RANGER da porta do armário atrás de si.

A sua cabeça pende para a frente antes de voltar logo de seguida para cima. Um fogo vermelho é visto nos seus olhos por um breve instante.

LUÍSA

Podes sair daí.

A porta do armário abre lentamente e volta a RANGER. Luísa levanta-se e aproxima-se um pouco, na penumbra.

LUÍSA (CONT.)

O que estás a fazer aqui?

A pouca luz do quarto apenas ilumina o intruso quando ele dá um passo para fora do esconderijo. É José.

JOSÉ

Vim cobrar o que me deves.

Tem uma gaze a cobrir a ferida na cara, molhada de vermelho vivo. A pele em volta do seu olho começa a escurecer.

LUÍSA

Invadiste uma casa só por causa de uma garrafa de água?

JOSÉ

Não, não estou a falar da garrafa de água.

Aproxima-se vagarosamente de Luisa.

JOSÉ (CONT.)

Vim cobrar o que não pude fazer mais cedo. Só que, desta vez, vai ser com juros.

LUÍSA

Acho melhor desistires enquanto estás a tempo.

José para, bem próximo. O cheiro do sangue da ferida na cara faz com que Luísa faça uma careta.

LUÍSA (CONT.)

E devias ir ao hospital tratar disso,
acho que precisas de pontos.

JOSÉ

Vinte pontos.

LUÍSA

Ah, então é melhor voltares lá, não
ficaram bem feitos.

Luísa vê um sorriso cínico e trocista na face de José e olha-o diretamente nos olhos antes de falar pausadamente.

LUÍSA (CONT.)

Dá meia volta e vai embora antes que
seja tarde demais para ti.

JOSÉ

Vais fazer o quê? Gritar por socorro? A
tua mãezinha não vai chegar a tempo.

LUÍSA

Não preciso de gritar por ninguém.

José empurra-a repentinamente contra o tocador e passa a sua mão pela cintura para a obrigar a aproximar-se à força.

JOSÉ

É assim que eu gosto, quando se fazem
de fortes.

Aproxima depois a outra mão da nuca de Luísa e, antes que tenha oportunidade de fazer mais alguma coisa, percebe que estão ambos rodeados por fogo, como se estivessem fechados numa esfera.

Afasta-se e, em pânico, grita por ajuda enquanto Luísa apenas lhe olha, apática.

JOSÉ (CONT.)

Que merda é esta?! O que está a
acontecer aqui?! Ajudem!

Continua a gritar, mas fora da esfera não se ouve absolutamente nada.

Luísa esboça um sorriso cínico, satisfeita.

LUÍSA

Se tu achas que podes ter o que queres com todas, estás muito enganado.

JOSÉ

Como é que estás a fazer isto?

Os olhos de Luísa ficam quase esbugalhados e o seu ar de satisfação deixa-a com uma aparência doentia.

LUÍSA

Não querias tocar em mim sem a minha autorização? E cobrar o que não pudeste fazer mais cedo?

Num golpe rápido, mas muito bem calculado, Luísa empurra a gaze e o próprio dedo pela carne rasgada da face de José, o que lhe rebenta os pontos, e puxa-o pela bochecha de tal forma que quase termina de a rasgar.

José urra de dor e chora tal qual uma criança pequena.

JOSÉ

Larga-me! Isso dói!

LUÍSA

Tu ainda não sabes o que magoa, mas não te preocupes: eu vou mostrar-te.

O fogo fica mais intenso em volta deles e não se vê, nem se ouve, o que acontece dentro da esfera.

Quando o fogo se extingue, Luísa está sozinha. Não há rasto de José, a não ser por um pequeníssimo monte de cinzas no chão.

Luísa volta a sentar-se e coloca as mãos próximas da bandelete, tal qual como quando a pousou anteriormente, e segue com a sua rotina.

Cheira o ar, como se sentisse algum cheiro estranho e percebe as cinzas no chão. Confusa, aproxima-se para investigar e, sem perceber como foi que aquilo chegou ali, acaba por utilizar um lenço humedecido para limpar o chão.

Atira-o para o caixote do lixo e senta-se para tirar a maquilhagem da Catrina.

48. INTERIOR

CASA DE DALILA / QUARTO DE LUÍSA - MANHÃ

Os raios de sol entram pela janela e ouvem-se os pássaros lá fora. Luísa ainda dorme, pacificamente.

Após alguns segundos, Dalila entra no quarto. O som fica abafado, como se tivesse uma película que o bloqueasse.

DALILA

Luísa, acorda! Luísa!

Luísa acorda, completamente atordoada. Ao fundo, ouvem-se as SIRENES da polícia e da ambulância.

Dalila sai rapidamente e Luísa senta-se na cama. Ainda não consegue ouvir como deve de ser quando se levanta e...

49. INTERIOR

CASA DE DALILA / CORREDOR 1º ANDAR - CONTÍNUO

... caminha pelo corredor. Chega às escadas e desce. A sua preocupação aumenta ao perceber as luzes azuis a piscar.

Corre à rua...

50. EXTERIOR

CASA DE DALILA / LOGRADOURO - CONTÍNUO

... e não quer acreditar no que os seus olhos veem.

Está uma multidão na rua. Entre PARAMÉDICOS, BOMBEIROS, POLÍCIAS (PSP), INVESTIGADORES (PJ) e moradores.

O local já está isolado com fitas amarelas nos portões da casa enquanto os agentes da PJ começam as investigações.

A rua está cheia de veículos, entre viaturas da PSP, INEM e bombeiros como outros de alta cilindrada, mas mais discretos, de cor escura.

Os moradores preenchem os passeios, aglomerados, em conjunto com alguns JORNALISTAS, OPERADORES DE IMAGEM e FOTÓGRAFOS.

O AGENTE GUEDES (46) e o AGENTE FERREIRA (44) da PJ já estão a questionar alguns dos moradores.

Dalila aproxima-se de Luísa e abraça-a. Só agora a sua audição volta ao normal.

DALILA

Lamento imenso, filha...

LUÍSA

O que aconteceu, mãe?

Dalila afasta-se.

DALILA

Alguém entrou em casa do teu amigo Tiago. Estão a dizer que foi um assalto que correu mal.

Luísa fica sem voz. Não quer acreditar no que ouviu.

DALILA (CONT.)

Ele e o pai estavam em casa...

Lágrimas descem pela face de Luísa, que volta a ser abraçada por Dalila.

O Agente Guedes aproxima-se e Dalila desfaz o abraço para lhe dar atenção.

AGENTE GUEDES

Peço desculpa, mas preciso de lhe fazer algumas questões.

DALILA

Claro.

Dalila afasta-se para responder às perguntas do Agente Guedes e Luísa fica sozinha.

Aproxima-se do portão e, por um segundo, parece-lhe ver Tiago, com roupa de dormir, todo ele com uma cor branca translúcida próximo da porta, mas ainda dentro de casa.

A porta fecha com força, o que assusta todos os presentes, antes de abrir novamente, como se uma forte corrente de ar a tivesse feito bater.

Luísa corre, completamente alterada, seguida por Dalila.

LUÍSA

Tiago! Ajudem-nos, por favor!

Todos lhe olham enquanto o Agente Ferreira a agarra e, depois, Dalila a tenta acalmar.

LUÍSA (CONT.)

O Tiago precisa de ajuda, mãe! Porquê que ninguém o ajuda! Façam alguma coisa!

Luísa cai no choro enquanto Dalila a conforta.

DALILA

Luísa... Por favor...

Alguns moradores aproximam-se, preocupados, enquanto as lágrimas de Luísa continuam a escorrer-lhe pela cara.

51. EXTERIOR

ROTUNDA DA URBANIZAÇÃO / ROTUNDA - MANHÃ

É uma manhã fria quando Luísa sai de casa novamente, agora com roupas escuras e quentes. Caminha em direção à árvore da rotunda.

SUPERIMPOSED: Alguns dias depois.

Ao chegar à rotunda, olha para a árvore com receio. Puxa as mangas para aquecer as mãos e a gola alta até tapar o queixo e a boca.

Dirige-se de seguida para a velha casa de madeira.

52. INTERIOR

CASA ANTIGA DA URBANIZAÇÃO / SALA - MANHÃ

A porta abre sozinha antes mesmo de Luísa chegar até ela. Após alguns segundos de silêncio, entra na casa e a porta fecha-se.

O chão continua manchado de sangue seco e o desenho no chão continua a deixá-la inquieta. Ouve um RUÍDO vindo do fundo do corredor e, após engolir em seco, aproxima-se cautelosa.

53. INTERIOR

CASA ANTIGA DA URBANIZAÇÃO / CORREDOR - CONTÍNUO

Encontra a porta do quarto do fundo entreaberta e aproxima-se, vagarosa.

54. INTERIOR

CASA ANTIGA DA URBANIZAÇÃO / QUARTO DO FUNDO - MANHÃ

Ao empurrar a porta, Luísa volta a encontrar o gato de olhos dourados cuja silhueta se mistura com o ambiente escuro. Os olhos sobem pela parede até que Dinis aparece, vindo da escuridão.

DINIS

Lamento imenso pelo que aconteceu ao teu amigo.

Luísa apenas deixa o olhar descer até ao chão e suspira antes de voltar a olhar para Dinis.

LUÍSA

Sabes o que aconteceu com ele?

DINIS

Não sei. A minha consciência não estava aqui quando aconteceu.

Triste e após desviar novamente o olhar, Luísa repara melhor no interior do quarto. Há um berço antigo no canto e alguns quadros com desenhos infantis além de alguns brinquedos numa caixa de madeira.

DINIS (CONT.)

Não te queria estar a pedir isto agora,
após o que aconteceu, mas...

Luísa olha-o, atenta.

55. EXTERIOR

FALÉSIA - PÔR-DO-SOL

Luísa aproxima-se da beira. Tem à sua frente o Oceano Atlântico cujas ondas batem no fundo da falésia.

Atrás dela, Dinis e os seus irmãos esperam pela sua liberdade. O cavalo também está presente e o irmão mais novo segura-o pelas rédeas.

Luísa tira o relicário do bolso e passa o dedo por ele, de forma a sentir o seu relevo.

LUÍSA

É o que está aqui dentro que vos está a
prender aqui?

DINIS

Sim.

Sem tentar sequer abri-lo, Luísa atira-o para o mais longe que consegue no oceano.

Quando o relicário atinge a água, Dinis, os irmãos e o cavalo começam a desaparecer em cinzas. A expressão de Dinis é de agradecimento.

DINIS (CONT.)

Obrigado.

Em contradição a toda a tristeza que envolver Luísa, as cinzas dos espíritos "explodem" à sua volta com energia e são levadas pelo vento até às ondas, que as levam.

Luísa sorri por momentos, feliz por os ter ajudado, mas rapidamente volta a perder o brilho nos olhos quando volta a lembrar-se da partida de Tiago.

Ao longe, o último raio de sol desaparece no horizonte, por

entre água e nuvens antes de todo o ambiente escurecer.

FADE TO BLACK

